

JOSÉ CALASANS BRANDÃO DA SILVA: história e memória docente em Sergipe

JOSÉ CALASANS BRANDÃO
DA SILVA: memory and history
teaching in Sergipe

Silvânia Santana Costa*
Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas**

RESUMO

Os estudos no campo da História da Educação foram gradualmente se expandindo e inserindo em suas temáticas diversos objetos que antes não eram foco de análise dos historiadores da educação. Em Sergipe, percebemos o crescimento das pesquisas na área com as produções do NPGED, inicialmente com as contribuições do mestrado e ainda em fase de andamento, com o doutorado. Entre o leque de temáticas pesquisadas está a trajetória de docentes. Nesse contexto, o presente estudo destaca o professor José Calasans Brandão da Silva que atuou como docente em instituições de ensino sergipanas e em outras instituições de 1937 a 1947. Ao estudar a trajetória do indivíduo é fundamental visualizá-lo dentro do espaço de atuação, pois suas atitudes não são isoladas do modo de ser, pensar e agir.

Palavras-chave: História da Educação; intelectual; memória.

ABSTRACT

Studies in the field of history of education were gradually expanding and entering in its various thematic objects that before were not the focus of analysis of historians of education. In Sergipe, realize the growth of research in the area with NPGED productions, initially with the contributions of the master and still under progress, with a doctorate. Among the range of subjects surveyed is the trajectory of teachers. In this context, this study highlights the professor José Calasans Brandão da Silva who acted as teachers in educational institutions and other institutions Sergipe one from 1937 to 1947. By studying the trajectory of the individual is fundamental view it within the space of performance because their attitudes are not isolated from the way of being, thinking and acting.

Keywords: History of Education; intellectual; memory.

* Coordenadora de Estágio dos cursos a distância da Universidade Tiradentes (UNIT/NEAD). Possui graduação em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Especialização em Magistério Superior pela Universidade Tiradentes (UNIT). É Membro do grupo de Pesquisa em História da Educação: intelectuais da educação, instituições educacionais e práticas escolares (UFS). E também do GET (Grupo de Estudos do Tempo Presente). Mestranda em Educação no Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Este estudo faz parte da minha Dissertação de Mestrado em andamento sob a orientação da Profa. Dra. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas E-mail: silandsan@gmail.com

** Professora doutora do Departamento de Educação e do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (NPGED/UFS). E-mail: anagbueno@uol.com.br

Os estudos no campo da História da Educação estavam voltados aos grandes pensadores, à legislação educacional, aos aspectos institucionais do ambiente escolar, esses vistos exclusivamente pela análise dos documentos oficiais, os únicos capazes de fornecer ao historiador da educação uma fonte confiável para a reconstrução histórica do passado educacional. Esse panorama transforma-se a partir de duas tendências historiográficas: o Marxismo e a Nova História, contribuindo para outros focos de interpretação e conseqüentemente para a expansão dos objetos e fontes direcionadas para reconstruir o passado histórico.

Foi, portanto, a perspectiva da Nova História que permitiu aos historiadores da Educação a possibilidade de análise de vários objetos, do uso de fontes variadas e das diversas abordagens¹. Para Burke,² “a acolhida dos *Annales* nunca se confinou às fronteiras da história”. Essa concepção possibilitou a abertura de uma série de fontes proporcionando outros métodos e temáticas para análise. Introduziu aspectos abrangentes que envolveram não só a história socioeconômica.

O autor nos auxilia a compreender a contribuição para novas abordagens e métodos na historiografia a partir da criação da revista dos *Annales*, com o intuito de inserir uma nova abordagem historiográfica que promovesse a interdisciplinaridade entre as ciências e contribuísse para o desenvolvimento e renovação da História. Os *Annales* não foram um produto apenas de alguns membros como Lucien Febvre, March Bloch, Fernand Braudel e sim de um conjunto de escritos de intelectuais que contribuíram para o desenvolvimento e sucesso do movimento. Eles transformaram e se apropriaram de conceitos da Geografia, da Sociologia, da Antropologia e de outras ciências para uma nova forma de escrita da História. Como Burke³, também Cardoso⁴ elucida que:

¹ LOPES, Eliana Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da educação*. Coleção: O que você precisa saber sobre, Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 38-39.

² BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929 – 1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Editora da Unesp, 1997, p. 117.

³ BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929 – 1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.

⁴ CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. 18ª tiragem, Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

acredito que a incorporação pela história de objetos tais como a sexualidade, o corpo, o amor, entre outros, pode representar o aprofundamento de reflexões bastante significativas em torno, por exemplo, da vida cotidiana, vista como palco privilegiado da diversidade das vivências e idéias, dos fatos culturais e, portanto, das tensões e conflitos considerados em sua dimensão microscópica e que expressam não apenas continuidades e permanências, mas também as pequenas grandes mudanças operadas de forma quase invisível no dia-a-dia de personagens de carne e osso⁵.

São esses “personagens de carne e osso” ocupantes de posições privilegiadas ou despossuídos de prestígios que estão inseridos no contexto da dinâmica histórica merecendo atenção, pois constituem elementos indispensáveis para a construção da narrativa da história sob outro viés. A ampliação de fontes permite que os sujeitos antes marginalizados pela história despertem os interesses dos pesquisadores da educação.

Assim, sob a influência da perspectiva historiográfica da Nova História, outros objetos foram incorporados aos estudos no campo da educação. Ampliou-se o conceito de documento histórico; substituiu a História fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada na multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc⁶.

Para os estudos da educação no Brasil, é necessário verificar a extensão das correntes historiográficas na narrativa da História da Educação, existentes desde o século XIX, mas que não se constituíam em um campo de pesquisa consolidado. E também, visualizar como a pesquisa na área da educação foi se firmando nas regiões brasileiras, principalmente no Nordeste e em Sergipe.

No século XIX existia produção sobre a educação no Brasil com obras encomendadas pelo governo. A produção de José Ricardo Pires

⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. 18ª tiragem. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p. 311.

⁶ LE GOFF, Jacques (Org.). *A história nova*. (Coleção o Homem e a História), 4 ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 28.

de Almeida, *L'Instruction publique au Brésil: histoire et legislation (1500-1889)* é considerada “o primeiro livro voltado exclusivamente para a narração da história da educação brasileira”⁷. Publicado em francês em 1889 e traduzido para o português apenas em 1989, esse livro foi referência para diversos autores no século XX, tais como: Júlio Afrânio Peixoto; Primitivo Moacir; Fernando de Azevedo; Theobaldo Miranda dos Santos. Em sua escrita, Pires de Almeida enfatizava como fato primordial para a instituição da educação no Brasil a chegada de D. João VI, destacando o Império, demonstrando quantitativamente a população livre e os conflitos com a Argentina.

Seguindo os parâmetros historiográficos do momento, os pesquisadores utilizavam o método de análise positivista. Para dar veracidade às informações empregavam a abordagem quantitativa representando os dados coletados por meio da estatística. Era também priorizado o arrolamento de documentos oficiais, relatórios e leis criadas pelo Estado.

Nessa perspectiva historiográfica, os feitos dos homens considerados grandiosos eram exaltados e destacados: reis, imperadores, presidentes, entre outros tantos personagens que tiveram lugar privilegiado e foram analisados como únicos construtores dos rumos da História. Essa narrativa era a utilizada pelos membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) que buscavam a construção de uma identidade para o Brasil, buscando-se excluir os índios e os negros por não serem portadores da tarefa civilizatória, como foram os portugueses.

As escritas historiográficas após a implantação da República seguiram a mesma diretriz, agora se voltando para o caráter republicano do fazer histórico. Primitivo Moacir⁸ foi considerado por Afrânio

⁷ Os autores dividem em três vertentes para o estudo da História da Educação. Primeira vertente: a História da Educação e o Instituto Histórico e Geográfico; segunda vertente: a História da Educação e as Escolas Normais; terceira vertente: a História da Educação e a escrita acadêmica. Mas, chamam a atenção para o fato de que essa classificação constitui um olhar dos próprios autores, podendo ser interpretada de outras formas por outros pesquisadores. VIDAL, Diana Gonçalves; FÁRIA FILHO, Luciano Mendes de. *As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005, p. 78.

⁸ *A instrução e o Império: subsídios para a história da educação no Brasil (1823-1853)* foi publicado o primeiro volume em 1936. Consistiu em 15 volumes que foram publicados até 1942. Ver VIDAL, Diana Gonçalves; FÁRIA FILHO, Luciano Mendes de. *As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005, p. 82.

Peixoto como o marco de novas pesquisas em educação por livrar-se da tradição repetitiva, comentarista e da ilusão interpretativa das narrativas anteriores.

Um dos diferenciais para a História da Educação foi a publicação pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) dos volumes correspondentes a obra *Instrução e República* e também da elaboração dos *Subsídios para a história da educação brasileira*. O intuito era organizar, reunir e disponibilizar os documentos sobre a educação do país. Outro fato fundamental para o avanço nos estudos acerca da educação foi a criação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) veiculado ao INEP e ao Ministério da Educação e Cultura (MEC) e coligados aos estados emergiram os Centros Regionais.

Com a criação da disciplina História da Educação na Escola Normal e nos cursos superiores, embora estivesse ligada à Filosofia da Educação, verifica-se que os escritos sobre educação se fizeram presentes também nos manuais elaborados e utilizados pelos docentes.

No âmbito universitário, a obra, *A cultura brasileira* de Fernando de Azevedo foi bastante difundida. Para Brandão⁹ ela consagrava a atuação pessoal como personagem importante “no campo educacional, como também a importância desse campo na construção da cultura brasileira.” Os estudos tinham como características marcantes a descrição das experiências educacionais dos autores, “a evolução da educação no Brasil, ao fim do volume, e a manifesta adesão aos princípios da Escola Nova, tomada como ponto final da trajetória”¹⁰. Afirma Fernando de Azevedo ao se referir aos escritores anteriores que

todas as gerações que nos precederam, como a primeira geração nascida na República, foram vítimas desses vícios orgânicos de nosso “aparelhamento de cultura” [...] para a

⁹ BRANDÃO, Zaia. *A intelligentsia educacional: Um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e histórias da Escola Nova no Brasil*. Bragança Paulista: IFAN – CDAPH, Editora da Universidade São Francisco, 1999, p. 26.

¹⁰ BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. *A cadeira de História e Filosofia da USP entre os anos 40 e 60: um estudo das relações entre a vida acadêmica e a grande imprensa*. Tese de doutorado em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001, p. 14.

qual a educação não passava de um tema de variações líricas ou dissertações eruditas¹¹.

Desta forma, seja antes ou posterior a Azevedo, os trabalhos sobre a História da Educação vão assumindo dimensões maiores. Na Universidade de São Paulo, com a Faculdade de Filosofia Ciência e Letras (FFCL), com o Centro Regional de Pesquisas Educacionais (CRPE) e com a Faculdade de Educação, os estudos avançaram, a partir de grupos de pesquisadores liderados por Ramos de Carvalho que “organizou e dirigiu aquele que é considerado o primeiro projeto acadêmico de escrita da história da educação brasileira”¹².

Nessa mesma perspectiva de ampliação e consolidação do campo dos estudos da educação a partir da criação das universidades e dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, esses, a partir de 1965,

as atividades de pesquisa consolidaram-se com a criação da Universidade de São Paulo, na década de 30 do século XX, recebendo um apoio mais sistematizado com o surgimento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico, criado em 1951. Nesse mesmo ano, Anísio Teixeira foi convidado a fundar um novo órgão do Ministério de Educação e Cultura – a Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), voltada para a capacitação de pessoal e melhoria do ensino superior no Brasil¹³.

Desta forma, o campo vai se consolidando com o surgimento dos programas de pós-graduação, dos grupos de estudo veiculados a As-

¹¹ BRANDÃO, Zaia. *A inteligência educacional: Um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e histórias da Escola Nova no Brasil*. Bragança Paulista: IFAN – CDAPH, Editora da Universidade São Francisco, 1999, p. 154.

¹² BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. *A cadeira de História e Filosofia da USP entre os anos 40 e 60: um estudo das relações entre a vida acadêmica e a grande imprensa*. Tese de doutorado em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001, p. 04.

¹³ BERGER, Miguel André. O papel do Núcleo de Pós-graduação em Educação na formação do pesquisador/educador. In: *A pesquisa educacional e as questões da educação na contemporaneidade*. Macéio: EDUFAL, 2010, p. 37.

sociação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa (ANPED), ao grupo de estudos e pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTED-BR), a Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). A criação de Revistas com estudos sobre educação, a promoção de congressos regionais, nacionais e internacionais. É notório o crescimento gradual dos estudos sobre diversas temáticas, apontado pelos pesquisadores, quando arrolam congressos: regional, nacional, internacional e os GTs constituintes desses eventos.

Temos no Nordeste o Centro Regional de Pesquisa Educacional (CRPE) do Recife na década de 50 do século XX. A obra organizada pelos pesquisadores Vasconcelos e Nascimento (2006) nos dá a dimensão da expansão da pesquisa na área de educação na região Nordeste. A criação, em 18 de novembro de 1958, do Centro Regional de Pesquisa Educacional (CRPE) em Pernambuco sob a direção de Gilberto Freire “representou um importante estímulo à pesquisa educacional na região Nordeste”¹⁴. Os estudos comprovam o crescimento de temas e enfoques no âmbito da produção historiográfica educacional no Nordeste e em outras regiões, uma vez que: “a consolidação dos grupos e bases de pesquisas em diversas universidades da região vem contribuindo, segundo Araújo, para o avanço das pesquisas e o aprofundamento das temáticas pesquisadas na região”.¹⁵

É com a instituição dos programas de pós-graduação em Educação nas Universidades Federais da Bahia, Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco, principalmente a partir da década de 1980 que as pesquisas assumem outra dimensão. Nos dados apresentados sobre as pesquisas em História da Educação, Vasconcelos e Nascimento¹⁶ demonstram como elas foram crescendo a partir da contribuição das Instituições de Ensino Superior (IES). Nessa mesma perspectiva de elu-

¹⁴ VASCONCELOS, José Geraldo; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do (org.) *História da educação no nordeste brasileiro*. Fortaleza: UFC, 2006, p. 32.

¹⁵ FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. “Cultura escolar, práticas educacionais e profissão docente: os balanços do campo da História da educação”. In: MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. (org.). *A educação escolar em perspectiva histórica*. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 73.

¹⁶ VASCONCELOS, José Geraldo; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do (org.) *História da educação no nordeste brasileiro*. Fortaleza: UFC, 2006.

cidar a pesquisa e a produção histórico-educacional na região Nordeste, os autores apresentam também como as IES criadas no Nordeste a partir de 1970 contribuíram com suas áreas de concentração para a História da Educação. Essas áreas de concentração eram apontadas como limitadas pelos pesquisadores no início de 1980, pois não contemplavam as necessidades de pesquisa em outros setores sociais e educacionais. Era necessária, a definição dessas áreas, a fim de existir “uma relação direta entre a pesquisa e a solução de problemas da realidade social onde esta se insere [...] e a representatividade permanente dos temas a serem pesquisados”¹⁷.

O quadro I demonstra as áreas de concentração correspondentes aos programas de pós-graduação das IES do Nordeste.¹⁸

QUADRO I
Áreas de concentração dos programas de pós-graduação do Nordeste na década de 1970

Áreas de concentração dos programas de pós-graduação	Instituição de Ensino Superior - IES	Ano
Ciências Sociais Aplicadas à ¹⁸ Educação	Universidade Federal da Bahia - UFBA	1972
Ensino	Universidade Federal do Ceará - UFCE	1977
Educação de Adultos	Universidade Federal da Paraíba - UFPB	1977
Tecnologia Educacional e Educação Pré-Escolar	Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN	1978
Planejamento Educacional	Universidade Federal de Pernambuco - UFPE	1978

Fontes: ARAÚJO, Marta Maria de. Tempo de balanço: a organização do campo educacional e a produção histórico-educacional brasileira e da região nordeste. *Revista Brasileira de História da Educação*. Nº 05, Janeiro/junho de 2003; VASCONCELOS, José Geraldo; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do (org.) *História da educação no nordeste brasileiro*. Fortaleza: UFC, 2006.

¹⁷ Relatório Final..., 1981, p. 142. In: ARAÚJO, Marta Maria de. Tempo de balanço: a organização do campo educacional e a produção histórico-educacional brasileira e da região nordeste. *Revista Brasileira de História da Educação*. Nº 05, Janeiro/junho de 2003, p. 21.

¹⁸ Em nota rodapé, Araujo (2003) chama atenção que “No Relatório do I Simpósio de Estudos e Pesquisas (1977), realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA, de 17 a 21 de outubro de 1977, em Salvador, consta que a primeira área de concentração desse programa foi Pesquisa em Educação, redefinida em 1974, para Ensino e Recursos Humanos. Diferentemente do que consta na Resolução do IV Simpósio (1980).

Com relação a Sergipe, a partir da década de 1990 ocorreu uma produção significativa no campo da História da Educação devido à contribuição de estudos realizados por alguns departamentos da Universidade Federal de Sergipe, do Núcleo de Pós-Graduação em Educação e também da contribuição de instituições privadas. Nascimento¹⁹ aponta como fundamentais para a pesquisa educacional, as contribuições de pesquisadores que realizaram estudos independentes sobre a temática da educação em Sergipe: as obras de José Calasans, Nunes Mendonça e Thétis Nunes.

É ainda Nascimento²⁰ quem aponta outros estudos importantes para o campo da Educação anteriores ao período de 1996 e a partir desse ano com as dissertações defendidas no NPGED. Ele divide a produção do NPGED em dois momentos tomando como ponto de partida as interpretações marxistas no período de 1996 a 2003, cujos trabalhos estão voltados para o estudo da educação no século XX, sendo poucos os estudos que priorizam o século XIX. O outro momento corresponde às dissertações defendidas entre 2003 e 2008, período em que houve um crescimento na produção, mudanças de concepção teórica, devido à inserção de novos olhares dos professores que trouxeram experiências e fortaleceram o campo de estudos na área da Educação.

O referido autor ilustra como essas mudanças ocorreram arrolando os trabalhos e os orientadores que trouxeram outra perspectiva teórica e metodológica. Esse aspecto é constatado no estudo de Freitas²¹ acerca das produções defendidas no NPGED entre 1995 e 2008, destas 36 dissertações foram selecionadas a partir dos seguintes critérios: estarem ligadas à História da Educação e versarem sobre a temática cultura escolar. De acordo com o aporte teórico utilizado, elas foram inseridas

¹⁹ NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *Historiografia educacional sergipana: uma crítica aos estudos de História da educação*. São Cristóvão: UFS, 2003, p. 23.

²⁰ NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *Historiografia educacional sergipana: uma crítica aos estudos de História da educação*. São Cristóvão: UFS, 2003. NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Os embates teóricos e a produção historiográfica educacional nos 15 anos do NPGED. In: *A pesquisa educacional e as questões da educação na contemporaneidade*. Macéio: EDUFAL, 2010.

²¹ FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. A cultura material e a produção das dissertações de mestrado do Núcleo de Pós-graduação em Educação. In: *A pesquisa educacional e as questões da educação na contemporaneidade*. Macéio: EDUFAL, 2010.

nos estudos veiculados à História Cultural. Como Nascimento, a pesquisadora chama a atenção para o fato de que são poucos os trabalhos que priorizam o século XIX.

Deste modo, a concepção de produção como “um processo que implica, além do gesto da escritura, diferentes momentos, diferentes técnicas e diferentes intervenções”²² nos auxilia a compreender a dinâmica dos trabalhos abordados pelos pesquisadores. A disputa no campo determina os procedimentos específicos de análise do objeto. Em cada momento, a “instituição histórica se organiza segundo hierarquias e convenções que traçam as fronteiras entre os objetos históricos legítimos e os que não o são e, portanto, são excluídos ou censurados”²³.

Os estudos contribuem para a compreensão de como as produções sobre a educação foram tomando outros contornos teóricos e com isso, ampliando os objetos e as temáticas de pesquisas ligadas à História da Educação em Sergipe. Isso em decorrência das discussões em torno de novas formas de abordagem, diferentes das habituais e das concepções dos docentes que orientaram os trabalhos nesses anos de existência do NPGED.

Além da contribuição do Mestrado em Educação, o curso de Doutorado proposto em 2006 na administração do professor Dr. Jorge Carvalho do Nascimento, a frente do NPGED, teve sua primeira turma iniciada em março de 2007, o que certamente contribui para o alargamento dos estudos sobre a Educação. Diante do exposto, percebemos que as inúmeras contribuições das produções acerca da temática da História da Educação vão delineando um território fértil a partir da organização dos cursos de pós-graduação, dos grupos de pesquisa, dos seminários, dos congressos nacionais e internacionais promovidos tanto por grupos no Brasil como em outros países.

Percebe-se uma mudança na forma de escrita da História da Educação, não mais a interpretação pelo viés positivista, pela análise sociológica com a contribuição da Filosofia, mas sob a influência da teoria marxista. E posteriormente, a partir da inserção das idéias da Nova História, os estudos de temáticas voltadas a aspectos da História

²² CHARTIER, Roger. *A História ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 40.

²³ CHARTIER, Roger. *A História ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 18.

Cultural. “O olhar de Clio mudou e voltou-se para outras questões e problemas, para outros campos e temas”²⁴. Dessa forma, dentro do espaço escolar, são inúmeros os objetos de estudo que proporcionam um leque de abordagens e precisam ser analisados. Entretanto, isso só foi possível devido à concepção historiográfica da Nova História que permitiu uma revisão no conceito de documento promovendo uma verdadeira ampliação das fontes de pesquisa.

Le Goff²⁵ classifica os elementos constitutivos da memória em monumentos e documentos. Os primeiros correspondem às heranças do passado que involuntariamente ou voluntariamente estão vinculadas ao poder de perpetuação. Os segundos estão ligados à escolha do historiador, visto que a seleção e a análise obedecem a ideias preconcebidas. Dessa forma, tomamos o conceito de História como “um saber universalmente aceitável, “científico”, sendo a memória “conduzida pelas exigências das comunidades para as quais a presença do passado no presente é um elemento essencial da construção de seu ser coletivo”²⁶.

É justamente por meio desses lugares de memória que o historiador busca registrar e evidenciar as informações selecionadas. E a ampliação da noção de documento histórico permitiu a superação da história fundada essencialmente no documento escrito, por uma história baseada na multiplicidade de documentos.

Dentro desse universo de possibilidades de pesquisa, os diversos objetos de análise tiveram inserção no campo da História da Educação. Dentre eles, os estudos sobre os intelectuais. A abordagem sobre o tema tem crescido, entretanto muito ainda tem que ser analisado, sendo fundamental se debruçar sobre a temática a fim de contribuir para compreensão do papel desses indivíduos na sociedade.

Também nesse contexto, encontra-se a figura do docente que através das ações pedagógicas contribui para a reprodução de um

²⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2ª Ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.16.

²⁵ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p.535.

²⁶ CHARTIER, Roger. *A História ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 21.

capital cultural exposto como padrão social a ser seguido. Através da influência de uma ação contínua e sistematizada, o professor reproduz a mensagem consagrada por uma determinada estrutura social, inculcando o arbitrário cultural. Para isso, utiliza instrumentos que garantem a conservação da cultura.

Em harmonia com essa perspectiva, podemos perceber que no NPGED houve uma ampliação no leque de temas e objetos de pesquisas, inclusive a inserção de temáticas referentes a intelectuais docentes.

Nesse contexto, o estudo sobre a trajetória docente do professor José Calasans Brandão da Silva busca contribuir para compreender a atuação desse intelectual sergipano no âmbito educacional, uma vez que os estudos se debruçaram sobre sua contribuição acerca do campo historiográfico. Toma-se neste estudo “a noção de trajetória como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações [...]”²⁷, levando-se ainda em consideração que o campo de atuação do indivíduo não é isolado, ele se constitui num espaço no qual o conjunto de relações se firma, interage e modifica de forma a estabelecer a dinâmica do próprio campo.

O período de 1937 a 1947 corresponde ao espaço histórico de atuação do professor José Calasans Brandão da Silva como docente em Sergipe, como membro do Departamento de Educação e professor de algumas instituições de ensino: no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, no Tobias Barreto, no Atheneu Sergipense e na Escola Normal Rui Barbosa.

O professor José Calasans Brandão da Silva contribuiu para a História sergipana e baiana, tanto no campo da atuação profissional como no âmbito da historiografia. Ele escreveu sobre várias temáticas: a educação em Sergipe; os aspectos da cachaça; a mudança da capital; traçou biografias; escreveu artigos que foram publicados em diversos jornais de circulação local, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, na Revista de Aracaju. Assim, a sua contribuição ultrapassa

²⁷ BOURDIEU, Pierre. “Ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 189.

os muros das instituições educacionais sendo de relevância seus estudos para a historiografia educacional sergipana.

A análise das publicações do professor José Calasans durante o período que esteve na docência em Sergipe, de 1937 a 1947, é importante para compreender seu pensamento, os autores que serviram de bases para sua reflexão acerca da narrativa histórica. As publicações de Calasans fazem e fizeram parte da História de Sergipe, são produtos de uma forma de narrativa que em alguns aspectos tenta buscar elementos distintos da escrita historiográfica anterior.

Um aspecto merece ser destacado: Calasans não possuía formação histórica. Era bacharel em Direito, mas voltado para o interesse na pesquisa histórica. Nomes como Joaquim Nabuco, Gilberto Freire, Capistrano de Abreu permearam suas leituras. Algumas das obras lidas por Calasans estão mencionadas em fragmentos de sua correspondência pessoal, conforme se lê no trecho a seguir: “(...) envio-lhe o livro *Casa Grande e Senzala* e o folheto *Gaspar da Silveira Martins, trabalhos magníficos*”²⁸.

No quadro II, foram listadas as publicações e identificados o local e o ano das publicações.

QUADRO II

Publicações do professor José Calasans Brandão da Silva (1938 a 1949)

Obra	Local de publicação	Ano
Fausto Cardoso e a revolução de 1906	Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe	1938
Aspectos da formação sergipana	Revista do Instituto Histórico e Geográfico	1941
Os franceses e a exploração do pau-brasil em Sergipe	Revista do Instituto Histórico e Geográfico	1942
Aracaju; contribuição à história da capital de Sergipe	Livraria Regina	1942
Fausto Cardoso e a revolução de 1906	Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe	1943/1945

²⁸ AUGUSTO, José. *Cartão*. Arquivo pessoal de José Calasans. IHGSE. Cx 20, doc. 063, 001, 06 de janeiro de 1936.

Aspectos folclóricos da caça	Revista de Aracaju	1943
O sentido nacionalista do sete de abril	Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe	1943
Temas da província	Livraria Regina	1944
Subsídios para o Cancioneiro histórico de Sergipe	Revista de Aracaju	1944
O almirante Amintas Jorge	Revista da Academia Sergipana de Letras	1947
O ensino público em Aracaju (1830 – 1871)	Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe	1949/1951

Fonte: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe²⁹; Nascimento³⁰; Revista de Aracaju³¹; Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro (CDPB)³².

Para compreender o contexto do sujeito ao escrever o texto é preciso situar o indivíduo em seu momento histórico, para não cobrar dele o que não estava em consonância com sua época. Vimos que tanto no DHI como no NPGED a inserção de temáticas e objetos de estudos nas produções estava ligada ao aporte teórico defendido pelos orientadores. É necessário refletir sobre os seguintes questionamentos: que corrente historiográfica serviu de modelo para a escrita do professor Calasans? Qual a concepção de História no Brasil no momento da escrita da obra? Era exigido algum critério para a narrativa histórica? Quais os motivos que o levaram a escrever seus textos?

Neste estudo, faz-se uso da noção de *operações* que “designa as práticas próprias da tarefa do historiador (recorte e processamento das fontes, mobilização de técnicas de análises específicas, construção de hipóteses, procedimentos de verificação)”³³.

Essa perspectiva nos faz refletir sobre algumas questões, tais como: quais as competências desenvolvidas em Calasans no período de sua

²⁹ Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe de nº 16; 17, 18, 20, correspondentes aos anos de: 1941; 1942; 1943/1945; 1949/1951.

³⁰ NASCIMENTO, Jairo Carvalho. *José Calasans e Canudos: a história reconstruída*. Salvador: EDUFBA, 2008.

³¹ Correspondentes aos anos de 1943 e 1944.

³² Calasans, José. Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro (CDPB). Disponível em: http://www.cdpc.org.br/dic_bio_bibliografico_calasans.html. Acesso em: 05/03/2011.

³³ CHARTIER, Roger. *A História ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 16.

formação inicial? Quais os professores que inspiraram sua forma de pensar? Que livros ele leu durante o período de formação? O que representou a leitura dessas obras para sua prática profissional? Inicialmente, refletir sobre a formação familiar e educacional do professor José Calasans Brandão da Silva nos ajudou a compreender alguns aspectos da preferência pela docência em detrimento do Direito.

Dessa forma, é fundamental analisar a formação inicial do professor Calasans, pois sabemos que o contexto familiar é responsável pela educação não institucionalizada, tendo um papel fundamental nos processos de incorporação de ações, crenças, valores, enfim do *habitus* constituído a partir das relações estabelecidas entre seus membros. E essa incorporação e transformação do indivíduo são realizadas por meio do *capital cultural*, o qual Bourdieu³⁴ afirma que ocorre sob três formas: o estado incorporado, o estado objetivado e o estado institucionalizado. Sob essas três dimensões podemos visualizar que a família é a primeira instituição responsável pelo estado incorporado, que se processa por meio de um conjunto de formas implícitas de transmissão operacionalizadas que exercem efeito significativo na acumulação do capital cultural.

Assim, se a família é dotada de expressivo capital cultural, as crianças o acumulam mais fácil e rapidamente. Essa fase de incorporação é fundamental para o estado objetivado, visto que é somente com a apropriação dos bens culturais que o indivíduo passa a utilizá-lo. Uma vez que, a formação desenvolve no indivíduo competências, por meio de conteúdos, que são condicionadas pelo contexto histórico e pelo tipo de constituição que está submetido.

Destarte, o contexto familiar é o ponto de partida e a conexão para o ingresso em outros setores da vida social, principalmente a escola. Então, os seguintes questionamentos serviram de norte para permear essa discussão: qual a origem do professor Calasans? Quais os seus

³⁴ No estado incorporado está voltado ao tempo de assimilação e inculcação ligadas às condições orgânicas; o objetivado está veiculado aos bens culturais possuídos que são apropriados de forma simbólica; o estado institucionalizado ocorre com o reconhecimento institucional por meio do diploma. BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 74.

antecedentes familiares? Que posição seus parentes ocupavam na sociedade sergipana? Como eram visualizados no contexto político, social e educacional? Ao analisar esses questionamentos partimos da idéia de que as relações sociais entre os membros da família e em seu exterior levam a posições na esfera da sociedade que se ligam ao grau de parentesco. Este por sua vez é um dos principais meios de posicionamento e de reconhecimento social. Para a análise das relações estabelecidas pelos familiares do professor José Calasans foi levada em consideração a noção de *capital social* definida como:

um conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável* de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis³⁵.

Assim, a representação, implica em compreender como a realidade é construída e apropriada pelos grupos por meio das práticas que definem e estruturam, através da formalização, das relações entre o meio e as instituições sociais. Ao verificar os antecedentes familiares foi constatado que tanto do lado paterno como do materno, o professor José Calasans Brandão da Silva teve parentescos que ocuparam posições relevantes na sociedade sergipana, no campo político e educacional.

No entanto, é por parte da genitora que alguns de seus familiares tiveram uma representatividade significativa na educação sergipana. A mãe do professor José Calasans Brandão da Silva, Noeme Brandão da Silva era natural de Estância, proveniente de família abastarda, filha da professora Maria Filonila da Silveira e de Benjamim Francisco,

³⁵ BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Petropólis: Vozes, 2007, p. 67.

retratista reconhecido em Estância. O tio de Calasans, Josaphat da Silveira Brandão, era docente constituindo-se em figura ilustre na sociedade sergipana.

Além dos antecedentes familiares é fundamental pensar sobre o processo de escolarização pelo qual os sujeitos submetidos à organização dos programas e das políticas educacionais se articulam construindo sentido a partir de suas experiências e de sua interação com outros espaços e tempo que não se configuram com o da escola, mas que estão associados. Essa interação entre os diversos agentes escolares possibilita a construção da cultura escolar que não é formada a partir de leis e programas de ensino. São as experiências, as ações e as apropriações que constituem um campo fértil para o desenvolvimento educativo. Assim, a cultura material toma corpo a partir das experiências empreendidas e trocadas pelos diversos sujeitos.

Analisando o percurso educacional desde o primário até o superior notamos que a história fez parte de seu percurso acadêmico, os professores, as leituras, despertaram o interesse de Calasans pela História e pelo folclore. O que tinha realmente desejo em fazer, segundo seu amigo Omer Mont'Alegre era “um concurso para professor de História do Brasil em qualquer estabelecimento. Para isso, estudava com pertinência a complicada história do povo brasileiro”³⁶.

Com relação à produção da escrita da História da Educação sergipana, o professor José Calasans Brandão da Silva chama a atenção, em 1951, para a necessidade dos pesquisadores se debruçarem sobre a História da Educação, demonstrando elementos que até o momento não eram de interesse dos historiadores. Para isso, traçou um plano de estudo no período no qual estava residindo em Sergipe. Calasans realizou pesquisas sobre o ensino público em Aracaju, no entanto, seu projeto foi interrompido pela mudança para a Bahia em setembro de 1947. O intuito em coletar dados nos arquivos sobre a educação sergipana é percebido na carta enviada pelo professor

³⁶ NOBREGA, José Dionísio. Professor José Calasans e os Silveira em Canudos. *Revista do IHGB*, Salvador, vol. 101, 2006, p. 269.

José Calasans, em 24 de abril de 1939, a Primitivo Moacyr³⁷. Nela, Calasans mostrava-se disposto a colaborar com o segundo volume da *Instrução Pública nas Províncias* por meio do envio de informações sobre a educação em Sergipe.

No entanto, a proposta dele havia chegado tardiamente, pois o segundo volume da obra encontrava-se em processo final para a publicação, com pretensão de ser lançado no mês de junho de 1939. É o que evidencia Primitivo Moacyr em resposta a Calasans em 21 de maio de 1939. Também deixa evidente que não havia recebido antes proposta de colaboração de outros pesquisadores, isso porque a temática não atraía os estudiosos.

Percebe-se, portanto, a intencionalidade da coleta de dados acerca da educação em Aracaju e a vinculação do levantamento das informações com os propósitos do INEP. Analisando a posição ocupada por Calasans na Bahia e em Sergipe, percebemos a ligação do professor Calasans com nomes e instituições importantes. Calasans afirma ainda que em 1947 quando retornou a Bahia havia efervescência de discussão em torno da reforma. Em entrevista a Revista FAEEBA³⁸ ele deixa evidente que após chegar à Bahia teve conhecimento das reformas promovidas por Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira.

Na Bahia, Pedro Calmon e outros pesquisadores mantiveram laços de amizade com o professor Calasans frequentando sua residência em Salvador. Na casa da esposa do prof. José Calasans Brandão da Silva, D. Lúcia Margarida Maciel da Silva existe uma enorme toalha de mesa, bordada com os nomes de diversas pessoas: amigos, alunos, visitantes, familiares que registravam sua presença. Muito interessante, pois no início foi apenas uma brincadeira, que se tornou habitual quando o casal recebia as visitas, a mesa era forrada com a toalha, a pessoa autografava e D. Lucia bordava numa precisão admirável, pois o bordado segue o traçado da caligrafia, os acentos, as rubricas.

As assinaturas não eram modificadas, analisando-as, constata-se que

³⁷ MOACIR, Primitivo. *Cartão*. Arquivo pessoal de José Calasans. IHGS, cx. 20, doc. 052 – 01, 26 de janeiro de 1939.

³⁸ PALACIOS, Maria. Entrevista: Professor José Calasans. *Revista da FAEEBA*. Salvador, 2 ed., jan./jun., 1995. Especial Canudos. Disponível in: <http://www.revistadafaeeba.uneb.br/antiores/especialcanudos.pdf>, acessado em 10 de julho de 2007.

havia o cuidado de mantê-la como o autografado registrou. As assinaturas foram bordadas em diversas cores: azul, vermelho, rosa, laranja, verde, marrom, entre outras. Visualizar a toalha branca com o colorido das diversas assinaturas demonstra a rede de socialização do prof. José Calasans. Dentre alguns que deixaram seu nome registrado na toalha estão: Maria Thetis Nunes (17/10/1954); Maria Isaura Pereira de Queiroz (17/07/1955); José Américo Silva Fontes (16/01/1955); Francisco Benjamin de Carvalho (18/11/1956); Aurélio Buarque de Hollanda (08/07/1957); Manuel Diéguas Júnior (1957); *Hildegardes Vianna* (09/5/1957); Eduardo Lourenço (1958); Wagner Ribeiro (05/02/1959); Garcia Moreno (06/11/1959); Mario Cabral (11/05/1962); Pedro Calmon; Hermínia Caillot Calmon (10/11/1970); Avelar Brandão Vilela (21/02/1972); Maria Julieta Mandarino Firpo Fontes (23/12/1982); Gloria Peres (22/05/1985); Maria de Lourdes Jatobá (sem data); Ivana Tobias Lillios (25/01/1995).

A toalha branca bordada representa o registro de vários momentos que se estenderam da década de 1950 até a década de 1990. Sendo conjecturado o período compreendido entre 1937 a 1947, José Calasans atuava em Sergipe como docente em instituições de renome no Estado, trabalhava no setor técnico educacional, foi presidente do IHGS, delegado da comissão do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) juntamente com Manuel de Carvalho Barroso e Oto Altenesh com a função de analisar e delinear qual o local histórico mais antigo de São Cristóvão³⁹. Em carta, Godolfredo Leite Filho, diretor do SPHAN (Bahia/Sergipe) atenta para o fato de que é imprescindível a vistoria para evitar que o patrimônio perca a sua essência. Calasans como delegado do SPHAN, assumia uma postura conciliadora. Isso se dava pela facilidade em se comunicar. “Poucas pessoas terão sua capacidade de fazer amigos e conservá-los. Amigos que estão espalhados pelo Brasil e pelo mundo, e que a ele se refere com entusiasmo e ternura”⁴⁰.

³⁹ SOUZA, Fábio Silva. Breve reflexão acerca da identidade cultural: A questão patrimonial no Brasil e em Sergipe. *Revista do Museu de Arqueologia de Xingó*. Canindé, Xingó, n.º 5, Junho de 2005. Disponível in: <http://max.org.br/biblioteca/Revista/Caninde-05/Caninde-05-art-04.pdf>, p. 154.

⁴⁰ NUNES, Maria Thétis. Apresentação. In: SILVA, José Calasans Brandão. *Aracaju e outros temas sergipanos*. Esparsos de José Calasans Brandão da Silva. Coleção João Ribeiro. Aracaju: governo de Sergipe, FUNDESC, 1992, p. 05.

Analisando o percurso educacional desde o primário até o superior notamos que a história fez parte de seu percurso acadêmico, os professores, as leituras despertaram o interesse de Calasans pela História e pelo folclore. Por isso, suas obras refletem aspectos dos mestres e autores que permearam sua formação.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AUGUSTO, José. *Cartão*. Arquivo pessoal de José Calasans. Cx 20, doc. 063, 001, 06 de janeiro de 1936.

ARAÚJO, Marta Maria de. Tempo de balanço: a organização do campo educacional e a produção histórico-educacional brasileira e da região nordeste. *Revista Brasileira de História da Educação*. Nº 05, Janeiro/junho de 2003.

BERGER, Miguel André. O papel do Núcleo de Pós-graduação em Educação na formação do pesquisador/educador. In: *A pesquisa educacional e as questões da educação na contemporaneidade*. Macéio: EDUFAL, 2010.

BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. *A cadeira de História e Filosofia da USP entre os anos 40 e 60: um estudo das relações entre a vida acadêmica e a grande imprensa*. Tese de doutorado em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

BOURDIEU, Pierre. “Ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 2007.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929 – 1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.

BRANDÃO, Zaia. *A intelligentsia educacional: Um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e histórias da Escola Nova no*

Brasil. Bragança Paulista: IFAN – CDAPH, Editora da Universidade São Francisco, 1999.

CALASANS, José. *Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro (CDPB)*. Disponível in: http://www.cdpb.org.br/dic_bio_bibliografico_calasans.html. Acesso in: 05/03/2011.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. 18ª tiragem, Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, S.A., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1990.

CHARTIER, Roger. *A História ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DIVA. *Carta*. Arquivo pessoal de José Calasans. 1942.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios*. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.) *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 193-211.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. “Cultura escolar, práticas educacionais e profissão docente: os balanços do campo da História da educação”. In: MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. (org.). *A educação escolar em perspectiva histórica*. Campinas: Autores Associados, 2005.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. *A cultura material e a produção das dissertações de mestrado do Núcleo de Pós-graduação em Educação*. In: *A pesquisa educacional e as questões da educação na contemporaneidade*. Macéio: EDUFAL, 2010.

GODOLFREDO FILHO. *Carta nº 19*. Arquivo pessoal de José Calasans, IHGS, cx 20, doc. 59, 02, 1946.

GODOLFREDO FILHO. *Carta nº 20*. Arquivo pessoal de José Calasans, IHGS, cx 20, doc. 59, 01, 1946.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LE GOFF, Jacques (Org.). *A história nova*. (Coleção o Homem e a História), 4 ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 25 – 64.

LOPES, Eliana Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da educação*. Coleção: O que você precisa saber sobre, Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho. *José Calasans e Canudos: a história reconstruída*. Salvador: EDUFBA, 2008.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *Historiografia educacional sergipana: uma crítica aos estudos de História da educação*. São Cristóvão: UFS, 2003.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Os embates teóricos e a produção historiográfica educacional nos 15 anos do NPGED. In: *A pesquisa educacional e as questões da educação na contemporaneidade*. Macéio: EDUFAL, 2010.

NASCIMENTO, José Amado. Um historiador à moderna. *Revista do IHGS*. Nº 17, vol. XXVI/XXVII, ano 1942/1943, Aracaju: Regina, 1943.

NOBREGA, José Dionísio. Professor José Calasans e os Silveira em Canudos. *Revista do IHGB*, Salvador, vol. 101, p. 216 – 278, 2006.

NUNES, Maria Thétis. Apresentação. In: SILVA, José Calasans Brandão. *Aracaju e outros temas sergipanos*. Esparsos de José Calasans Brandão da Silva. Coleção João Ribeiro. Aracaju: governo de Sergipe, FUNDESC, 1992.

PALACIOS, Maria. Entrevista: Professor José Calasans. *Revista da FAEEBA*. Salvador, 2 ed., jan./jun., 1995. Especial Canudos. Disponível in: <http://www.revistadafaeeba.uneb.br/anteriores/especialcanudos.pdf>, acessado em 10 de julho de 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2ª Ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Nº 18, vol. XIII, 1943/1945.

SILVA, José Calazans Brandão. O ensino público em Aracaju (1830 – 1871). Estudos sergipanos VII. Aracaju: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, nº 20, 1949/1951.

SOUZA, Fábio Silva. Breve reflexão acerca da identidade cultural: A questão patrimonial no Brasil e em Sergipe. *Revista do Museu de Arqueologia de Xingó*. Canindé, Xingó, nº 5, Junho de 2005. Disponível in: <http://max.org.br/biblioteca/Revista/Caninde-05/Caninde-05-art-04.pdf>.

VASCONCELOS, José Geraldo; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do (org.) *História da educação no nordeste brasileiro*. Fortaleza: UFC, 2006.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

Artigo recebido em junho de 2011. Aprovado em julho de 2011.

